

ESPORTES

ENTREVISTA
EMANUEL REGO

Medalhista de ouro nas areias de Atenas-2004 é o indicado a diretor-geral do COB. Gabaritado com mais de 150 títulos, ele vê sucesso na gestão colaborativa e gostaria de ver o esporte olímpico mais próximo ao povo

A nova praia do multicampeão

VICTOR PARRINI
Enviado especial

Rio de Janeiro — O Brasil alcançou a marca de 170 conquistas em Olimpíadas entre a primeira participação, na Antuérpia-1920, e a mais recente, em Paris-2024. Pouco ou muito, existe um planejamento estratégico para cada pódio. A responsabilidade é do Comitê Olímpico do Brasil (COB). A entidade de 110 anos é a responsável por

manter em operação a fábrica de medalhas. Daqui a duas semanas, a plaquinha subirá na troca de comando: sairá o atual presidente, Paulo Wanderley Teixeira, e entrará o eleito Marco Antônio La Porta. A chegada do dirigente oriundo do triatlo resultará em mudanças significativas. Uma das mais importantes é a entrega da caneta de diretor-geral para Emanuel Rego.

Embora tenha de passar pelo crivo do Conselho de Administração do COB em 15 de janeiro,

é praticamente certo que Emanuel fará da função a nova praia. Campeão olímpico das areias do vôlei em Atenas-2004, bronze em Pequim-2008 e prata em Londres-2012, ele reforça a preferência da entidade por ex-atletas gabaritados. O antecessor dele foi Rogério Sampaio, medalhista de ouro do judô em Barcelona-1992.

O paranaense de Curitiba é brasileiro por afinidade. O ex-atleta é casado há 16 anos com a medalhista de bronze com

a Seleção feminina de vôlei em Atlanta-1996 e Sydney-2000, a senadora Leila Barros (PDT-DF). Por essa e outras, tem gosto e interesse pela gestão. Nos tempos de quadra, foi presidente da Comissão de Atletas do COB entre 2013 e 2017 e membro da Comissão de Atletas da Federação Internacional (FIVB), de 2016 a 2019.

Emanuel também foi Secretário Nacional da Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (2019) e Secretário Nacional

de Esportes de Alto Rendimento (2019 a 2020) no governo de Jair Bolsonaro. Durante a gestão do ex-presidente, foi o responsável por projetos importantes, com o Bolsa Família. Deixou o cargo cinco dias depois de Leila Barros criticar o então ministro da Educação, Abraham Weintraub. Antes de ser indicado ao cargo no COB, o herói olímpico era voluntário na área de educação nas escolas municipais de Curitiba e embaixador do Esporte do Comitê

Brasileiro de Clubes.

Prestes a assumir um dos papéis mais importantes dos bastidores do esporte do Brasil, ele vê a gestão como função colaborativa e reflete sobre como alcançar mais pessoas para estarem mais presentes nos esportes olímpicos e levá-los às casas do país. O sucesso de Duda/Ana Patrícia com o ouro em Paris-2024 e a evolução dos países nórdicos no vôlei de praia também estão entre os tópicos abordados pelo dirigente.

Qual é o tamanho do próximo desafio?

Acredito que o Marco La Porta e a Yane Marques tiveram uma presença muito importante nesse próximo capítulo. Na realidade, o esporte olímpico vem consolidando vários resultados. As mulheres estão demonstrando que não é só as áreas esportivas, mas na governança também. O exemplo feminino demonstra o que foi trabalho, que o COB valorizou isso nos últimos anos. É nisso que temos de pensar: em como alcançar mais pessoas para estarem presente no esporte. Essa é uma das missões mais difíceis, fazer com que todo o esporte olímpico seja parte da casa das pessoas.

Como tornar o esporte olímpico permanente e não apenas com engajamento durante os Jogos?

A vida de atleta é de ciclos e ciclos e o inicial é quando começa a preparação para as Olimpíadas. Os nossos grandes clientes são as Confederações, elas têm a preocupação de criar o desenvolvimento do esporte. Com a condição de sempre estar perto das Confederações, eles desenvolvem e os atletas têm condição de chegar. As Confederações que estão chegando às Olimpíadas mais preparadas, como skate e taekwondo, demonstram que se foi feito desenvolvimento e bons projetos, dá para ajudar todas as modalidades.

O que faria de diferente do Rogério Sampaio?

A minha tranquilidade é para dizer o seguinte: o trabalho a

MPC Rio/Divulgação



Emanuel se aposentou como único atleta do vôlei de praia a participar de cinco Olimpíadas: subiu ao pódio em Atenas-2004 (ouro); Pequim-2008 (bronze); e Londres-2012 (prata)

gente faz quando estamos dentro e conhecemos o que está acontecendo. Isso realmente só vai acontecer em janeiro. Houve bons trabalhos, acontece, e temos de dar continuidade. Ainda sou uma indicação, meu cargo tem todo um rito. Precisamos estar lá dentro para tentar entender como pode contribuir da melhor forma.

É a missão mais desafiadora?

A melhor parte é entender as fases do esporte. Quando eu era atleta, tinha outra missão, com

time, embaixador do esporte. A missão de gestão depende dos outros, é um trabalho colaborativo, não posso dizer que vou fazer tudo, temos que continuar fazendo essa colaboração.

O que dizer sobre o vôlei de praia do Brasil em Paris-2024?

O vôlei de praia foi um sucesso. Foi uma participação que deixou todos muito felizes. Gostei muito de ver uma equipe que ficou quatro anos juntas, é disso que o vôlei de praia precisa. É preciso consolidar,

duplas fortes se constroem, no mínimo, com três anos juntos. O momento dos europeus é muito forte, assim teve época em que os americanos estavam na frente, depois os brasileiros. É um ciclo no qual temos de voltar a competir bem a nível internacional.

Estamos testemunhando a evolução dos países nórdicos, naturalmente gelados e quase sem praias aptas para o esporte. O que explica isso?

Acredito na globalização.

Todo mundo aprende Esses países nórdicos levaram muitos treinadores brasileiros para fomentar o trabalho. É uma coisa que acontece. Você vê o trabalho do Jesus (Morlán), um técnico espanhol que veio para o Brasil e fez um trabalho gigante com o Isaquias, rendendo frutos até hoje. Essa troca de experiência é muito importante. Os europeus estão fazendo e, infelizmente, no vôlei de praia, nos deixando um pouco para trás, mas acho que tem como chegar.

O seu esporte mudou?

O vôlei de praia ficou mais moderno, evoluiu muito e ficou mais rápido. Nós, brasileiros, e americanos, tínhamos jogo mais lento, cadenciado e estratégico. Agora, é um momento de criatividade, esse é o diferencial. As equipes que conseguem jogar com criatividade jogam mais rápido, não dando chances para o adversário, estão vencendo. Neste momento, são os europeus e Duda/Ana Patrícia.

* O repórter viajou a convite do Comitê Olímpico do Brasil (COB)

ARIMATEIA

Torneio que desfilou Endrick é vitrine para nova geração

ARTHUR RIBEIRO*

São muitos talentos que se destacam no Torneio Arimateia de futsal, mas um grupo específico assume o protagonismo: o da garotada. Tradição da virada de ano no Distrito Federal, o campeonato amador teve em quadra em edições anteriores os desfiles de nomes como Endrick, Reinier, Ângelo Gabriel e Robert Renan, crias do quadrado que atualmente estão em ação por clubes no exterior e

servem de exemplo e inspiração para a nova geração.

O carinho com os mais jovens começa desde a organização do torneio, que separa as categorias sub-7, sub-9, sub-11, sub-13, sub-15 e sub-17 e reúne mais de 65 equipes. As partidas dessas classes, com exceção da dos mais velhos, são, inclusive, as que param em caso de chuva, pois o maior campeonato a céu aberto da América Latina ganhou fama com os jogos mesmo durante dias de temporais.

Kayo Magalhães/CB



Arimateia se consolidou como oportunidade para os novos talentos

“Aqui, temos muito cuidado com os times de base, porque, querendo ou não, eles são a alma da nossa competição. São esses meninos que se tor-

nam craques no futuro e nunca se esquecem de terem jogado conosco. Se depender de alguns pais, o jogo acontece mesmo com chuva, mas queremos ver

essa garotada jogar sem preocupação, podendo se divertir, porque aqui é o celeiro do futsal. Anos atrás, saíram garotos daqui chamado Endrick e Reinier, mas daqui cinco anos vamos ver mais outros e assim em diante. É muito legal ver isso acontecendo e as oportunidades chegando para eles”, conta José de Lima Téia, o Arimateia.

A missão de deixar a criança se divertir, ao mesmo tempo em que competem pelo título, cuja decisão será neste domingo, recai nos ombros dos técnicos. Por ser durante o período de férias escolares, alguns treinadores enfrentam dificuldade com a ausência de alguns jogadores, mas aproveitaram o lado positivo de lançar os talentos em quadra para juntar a diversão e o esporte.

“Colocar os meninos para jogar aqui no Arimateia, um lugar com grande público, torcidas e até pressão, ajuda eles a já irem se acostumando e os molda como jogadores. Já vi vários atletas que passaram por aqui e hoje estão na Copinha, por exemplo, então é um bom passo para eles desenvolverem o futuro deles no futebol. Além da carreira, ainda ajuda na formação do ser humano. São garotos que estão aqui, e o esporte pode fazer eles perderem a timidez, se relacionarem melhor, trabalhar em equipe, ficar menos nas telas e curtir as férias de uma forma ainda melhor”, avalia Tiago Mousinho, de 36 anos, treinador do sub-15 do Minas Brasília.

*Estagiário sob supervisão de Victor Parrini

Giro esportivo

Rafael Ribeiro/CBF



Mercado da bola

Palmeiras e Fulham têm reunião marcada para definir o futuro do meia Andreas Pereira. Os paulistas ofertaram cerca de R\$ 127 milhões, mais bônus. Segundo o portal GE, a resposta deve ser dada na segunda.

Erico Leonan / saopaulofc.net



Mais mercado

Apesar do interesse do Grêmio, Arboleda seguirá no São Paulo. O tricolor também mantém Luciano, mas se despede de Wellington Rato, de saída para o Vitória. O Fluminense renovou com Manoel até dezembro.

Glyn Kirk/AFP



Premier League

Sete partidas movimentam, hoje, a 20ª rodada do Campeonato Inglês. Destaque para o clássico das duas maiores torcidas do país, entre Liverpool e Manchester United, às 13h30, em Anfield. A ESPN exibe.

Barcelona/Divulgação



Basquete

Raulzinho teve uma passagem relâmpago pelo Barcelona. O armador chegou ao clube em novembro do ano passado e teve rescindido o contrato que duraria até junho, devido a lesões.

Divulgação/Canaã



Copinha

O Canaã será o último time do DF a entrar em campo pela primeira rodada da Copinha. Hoje, às 12h45, enfrenta o Nacional-SP. O Real Brasília empatou com o Cruzeiro, e o Brasiliense perdeu para o Tupã.

Divulgação/IBSF



No gelo

Nicole Silveira fechou a etapa de Winterberg da Copa do Mundo de skeleton, na Alemanha, entre as 10 melhores. A gaúcha foi a oitava colocada, com 1min57s21. O próximo desafio será na Suíça, no dia 10.